

LIGARE | CENTRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS

VICTOR PFISTER LACERDA MOREIRA

O Uso de Cristais como Instrumento da Análise Bioenergética:

Reflexões e Integração da Psicologia Corporal de Wilhelm Reich e
Alexander Lowen a um caso clínico em Litoterapia

Monografia apresentada ao Ligare – Centro de Psicoterapias Corporais – Presidente Prudente/SP, como exigência parcial para a conclusão de curso de Especialização em Psicologia Clínica – Análise Bioenergética.

Orientadora: Sonia Maria Calil

Presidente Prudente, 2020

Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar se há e quais são as afetações físicas e terapêutica dos cristais no organismo humano e suas possíveis contribuições para a Psicoterapia Corporal – Análise Bioenergética. Para isto, foi feito um estudo de caso prático em *litoterapia* – utilização sistemática dos cristais; pela ótica da teoria de Lowen e Reich. Como resultado temos que os cristais foram eficientes como instrumento de mobilização *bioenergética* – corporal e psicoemocional; contribuindo de forma significativa com a tarefa terapêutica e caracterológica, no desenvolvimento de vários tipos de grounding, na flexibilização das couraças musculares, de conflitos energéticos e psíquicos. Concluímos, portanto, que a utilização de cristais no setting psicoterapêutico ressoa e contribui com a Análise Bioenergética de Lowen e com os fundamentos de Wilhelm Reich, se mostrando eficaz na prática clínica e coesa nos aspectos teóricos entre as abordagens.

Palavra Chave: Análise Bioenergética, Cristais, Litoterapia, Wilhelm Reich

Sumário

Introdução	2
Objetivos	6
Metodologia	7
Desenvolvimento.....	12
1. Energia, Emoção e Sensação em Reich	12
2. O Corpo no Trabalho Bioenergético de Lowen	13
3. Cristais e Corpo humano	14
4. Cristais e Psicologia Corporal	17
5. Litoterapia-Análise Bioenergética: introdução ao caso clínico	18
6. O Início do Trabalho Bioenergético com Cristais: sensações e percepções recorrentes	19
7. Desenvolvimento Caracterológico e Bioenergético com os Cristais.....	22
a. Traços de Caráter de Carla e seu Discurso Inicial.....	22
b. O Desbloqueio Afetivo-Corporal com os Cristais	24
c. Curva Orgástica e Integração do Organismo.....	25
d. Desenvolvimento do Grounding com os cristais e resultado do tratamento	26
Resultado da Pesquisa e Considerações Finais	29
Referências Bibliográficas	31

Introdução

A Análise Bioenergética foi gradativamente desenvolvida por Alexander Lowen no final da década de 1950 e início de 1960 quando descobriu a importância psíquica-energética da inclusão das extremidades do corpo no processo terapêutico – pernas, braços e cabeça, que o levaram a elaborar o conceito de *grounding* – capacidade estável e segura de pulsação integrada do corpo quando em contato com a realidade externa e interna, sobretudo a afetiva (Weigand, 2006, p.44).

Esse trabalho foi sustentado por pesquisas anteriores realizadas por Wilhem Reich, médico e psicanalista que desenvolveu a relação entre corpo físico e as camadas profundas do inconsciente. Entre os anos de 1930 a 1957 elaborou os conceitos fundamentais para as teorias que viriam em seguida: *bioenergia*, *couração muscular*, *caráter* e *curva orgástica* (Albertini, 2016, p. 23-168).

Reich desenvolveu e aprofundou a relação do fluxo de energia libidinal com as estruturas orgânicas, corporificando a teoria metafísica do psicodesenvolvimento humano de Sigmund Freud. Em outras palavras, trouxe locus corpóreo ao psiquismo simbólico, abrindo outras possibilidades de trabalho com o inconsciente e de desenvolvimento de outras técnicas para o setting terapêutico.

Inicialmente começou seu trabalho com a flexibilização das tensões corporais – por meio do toque profundo na musculatura e do aumento da respiração. Esta técnica visava trabalhar com o desbloqueio das *courações musculares* – bloqueios físicos que mantinham o sujeito preso a padrões corporais e afetivos repetidos e primitivos, constituindo seu *caráter* – estrutura de defesa que protege a consciência de emoções insuportáveis e que se torna a identidade corporal e psíquica do sujeito, responsável em igual medida pela dor e a alegria daquele corpo (Volpi, Volpi, 2003, p.11-28)

Reich descreveu profundamente as estruturas de caráter criadas a partir do encorajamento muscular do corpo e percebeu que essas defesas produziam *estase energética* – paralisação e bloqueio de energia afetiva que perde espaço de circulação no organismo. E dessa forma o mantém em estado excitado – carregado, ou tenso, e impossibilitado de realizar a *curva orgástica*: capacidade de pulsar naturalmente a energia do corpo por meio da carga e descarga da energia.

Assim, Reich foi aprofundando no conceito fundamental de *bioenergia* – energia vital que flui no organismo humano. No entanto, desde o princípio este era um conceito amplo que ia além da nossa espécie. Por isso, e diferentemente de Lowen, preferiu nomear de *orgone* – a capacidade de todos os corpos orgânicos manterem essa energia básica, e não só o corpo humano.

E assim como houve diferenciação na nomenclatura, houve também na prática clínica e de pesquisa. Lowen deu ênfase na bioenergia do corpo humano e não aprofundou na relação do corpo com outros elementos naturais orgânicos ou inorgânicos. Pelo contrário, as técnicas de Lowen são adaptadas ao mundo urbano, de consultório e de

praticidade, onde priorizou instrumentos que interferissem na mobilidade do corpo, como *stool* – ou banco, bolinhas, colchão, entre outros.

Dessa forma, temos uma lacuna aberta na Análise Bioenergética sobre os possíveis efeitos da relação do corpo humano com elementos naturais – em oposição às interferências mecânicas tradicionais que tinham função de exercer pressão, fricção ou ampliar o alongamento do corpo, mas não de trocar informação com o objeto. Em outras palavras, trocar energia vital.

Por isso essa pesquisa visa retomar um campo de estudo sobre a relação do corpo humano com elementos naturais – em específico, os cristais. Verificando se existem resultados terapêuticos significativos no sistema bioenergético humano que podem ser eficazes ao trabalho da Análise Bioenergética de Lowen. E para isso será explorado de forma prática – com estudo de caso em *Litoterapia* – terapia com cristais; e teórica – relacionando e analisando as duas abordagens.

Sabe-se que os cristais como forma terapêutica foram utilizados por muitas civilizações e épocas distintas da humanidade – egípcios, gregos, babilônicos, celtas (druídas), indígenas, africanos, judeus e orientais (Lisanty, 2008, p.4-10). Ainda assim, após a consolidação do sistema científico atual como instrumento de pesquisa controlada pelo método científico, muitas práticas ancestrais ficaram de fora dos estudos e categorizadas como superstições que desinteressavam o modelo tecnológico de pensamento racional.

No entanto, a obra de Reich e Lowen reativa a noção concreta da bioenergia corporal e abre novamente o espaço para rever muitas tradições terapêuticas – ditas esotéricas; e que hoje se revelam orgânicas, naturais e profundas. Em pesquisas contemporâneas, como a de Moreira (2018, p.20), se reforça essa compreensão e a necessidade de ampliar os espaços de estudos do corpo humano na relação com os recursos naturais:

Em suma, o estudo aprofundado do *Campo de Energia Humana* favorece o entendimento teórico das inúmeras práticas das *Medicinas Complementares* que têm como pressuposto o trabalho no campo vibracional, seja qual for a ferramenta: plantas, cristais, cores, aromas, sons, práticas corporais ou toque terapêutico.

Dessa forma, este trabalho visa explorar a interação de um recurso inorgânico constituído dos mesmos minerais que existem dentro do nosso corpo – os cristais. E como se dá essa relação.

Objetivos

Gerais:

1. Análise de um atendimento prático de *Litoterapia* – terapia com cristais, à luz do conhecimento da psicoterapia corporal baseadas em Wilhelm Reich e Alexander Lowen.
2. Verificar se a sessão com cristais possibilitou modificações no fluxo energético-corporal e psíquico; se sim, quais as contribuições para a psicoterapia corporal.

Específicos:

1. Verificar se existiram e quais foram as repercussões do atendimento com os cristais para o desenvolvimento do caso clínico.
2. Analisar se o trabalho prático gerou impacto na estrutura de caráter, nas couraças musculares, na bioenergia e no grounding da paciente.
3. Ponderar se existem e quais seriam os possíveis efeitos terapêuticos do uso de cristais como instrumentos da psicoterapia corporal.
4. Verificar se o trabalho possibilita alguma elucidação sobre a energia orgone.

Metodologia

O trabalho a seguir trata-se de uma pesquisa qualitativa, da qual será feita uma análise colaborativa, diferenciando os instrumentos terapêuticos utilizados na Análise Bioenergética com os da *Litoterapia* – terapia com cristais, bem como as possíveis contribuições existentes entre as duas abordagens e suas repercussões, sobretudo nos seguintes aspectos: desenvolvimento da tarefa terapêutica de acordo com o caráter, trabalhos com as couraças musculares, repercussões energéticas e grounding.

A princípio desejava cumprir tal proposta a partir de alguns estudos de casos em Litoterapia, com pacientes que já estavam em processo terapêutico na Análise Bioenergética. No entanto, devido ao prazo de entrega da monografia e o imprevisto de saúde que acontece no momento de produção deste trabalho – COVID 19, Corona Vírus Disease 2019, fui impossibilitado de realizar uma proposta prática.

Assim, utilizei um caso clínico em Litoterapia que aconteceu em 2018 como referência nesse comparativo, incluindo o relato da paciente sobre sua experiência na terapia, realizado após finalizar o tratamento – em formato de vídeo, que foi transcrito durante este trabalho. Também estará incluso nesta pesquisa, para enriquecer as reflexões, experiências de outros atendimentos com uso dos cristais realizados pelo mesmo terapeuta – autor desta monografia.

E para análise teórica do trabalho, utilizei as obras de Alexander Lowen e Wilhelm Reich, bem como o pensamento de autores atuais sobre a psicologia corporal, já que a parte analítica das sessões com cristais foram feitas a partir do referencial da abordagem loweniana – que apesar de não incluir a investigação da história de vida da paciente, foi presente quanto a leitura corporal, energética, de caráter e de grounding.

Sobre a metodologia de atendimento em Litoterapia, foi baseada no método de Lisanty (2008) e contém várias etapas que vamos descrevê-las resumidamente a seguir: *1.Preparação da Sala de Atendimento; 2.Conversa Inicial; 3.Consigna antes de começar a sessão com os cristais; 4.Etapas práticas da Litoterapia; 5. Finalização da prática; 6. Diálogo entre cliente e terapeuta.*

1. Preparação da Sala de Atendimento: o ambiente de atendimento é preparado com uma ponta de quartzo branco translúcida em cada canto da sala, formando um campo energético com quatro cristais. Em algum lugar da sala deve haver uma ponta de cristal gerador de pelo menos 1kg e um ralo energético – cesta de material natural contendo cristais de limpeza, como turmalina negra, ônix, hematita, cianita preta, mica preta, ágata preta, quartzo fumê, entre outras. Tecnicamente, esse campo deve ser ativado pela intenção, conectando mentalmente as quatro pontas ao redor da sala, visualizando o cristal gerador como receptor energético que abastecerá energeticamente o ambiente e o ralo como escoador de energias mais pesadas, abrindo o fluxo de recepção- evacuação da sala.

2. *Conversa Inicial:* neste momento abre-se um espaço curto de até 15 minutos aproximadamente, para abertura livre da sessão, onde inclusive o paciente pode trazer queixas momentâneas ou estruturais de sua vida, que ajudará o terapeuta a compreender suas necessidades emocionais e energéticas.

3. *Consigna antes de começar a sessão com os cristais:* o paciente deita na maca sob a recomendação de estar presente às sensações de seu corpo, sejam elas boas ou ruins, respirando e permitindo que elas se transformem. Ao final da sessão, digo que poderemos trocar experiências de como foi aquele atendimento. Então, entramos em silêncio e observação.

4. *Etapas Práticas da Litoterapia:* é preciso lembrar que todas as etapas a seguir são feitas em consonância com a respiração e presença corporal por parte do terapeuta, que está grounded na sessão.

A. Preparação do corpo: criando condição para a energia fluir

A1. É colocado uma ponta de cristal pequena, de quartzo branco translúcido, acima da cabeça da pessoa – na maca; com objetivo de ativar a energia que entra pelo topo da cabeça – 7º Chakra – centro energético que será mostrado numa tabela mais adiante, bem como os outros chakras.

A2. São colocadas duas turmalinas pretas ao lado dos tornozelos do cliente, do lado de fora do corpo. Simultaneamente com uma cianita preta entre os pés, ligeiramente abaixo dos outros dois cristais. Assim se forma um triângulo de cristais pretos, com sua base na linha dos pés e a ponta para baixo. Esse procedimento visa abrir o escoamento energético dos pés, num fluxo descendente da energia.

A3. É colocado, também em forma de triângulo, mas agora na parte superior do corpo e apontado para cima: um cristal sobre cada um dos ombros e um sobre o topo da cabeça. Esses cristais podem ser azuis claros – como quartzo azul ou água marinha; ou brancos leitosos – como dolomita branca. E tem o objetivo de acalmar os pensamentos, e proporcionar relaxamento e elevação energética. Sobre os olhos, se faz o mesmo triângulo usando as mesmas possibilidades de cristais, porém, são menores para não pesar, sendo que o cristal da ponta do triângulo é colocado entre as sobrancelhas – 6º Chakra.

A.4 Este item costumo colocar já neste momento, apesar de alguns litoterapeutas colocarem em etapa posterior. Trata-se da inserção de duplas de quartzos verdes sobre os meridianos – ou em outras palavras, sobre as articulações e laterais dos sete principais centros energéticos: sobre os tornozelos, joelhos, ossos do quadril, as duas laterais do abdômen inferior, do umbigo, no baço e fígado, nos mamilos e nos ombros. Também pode ser incluso, nos cotovelos, mãos e laterais da cabeça próximo aos ouvidos, sobre a maca.

B. Limpeza energética geral e específica: início dos desbloqueios

B1. Inicia-se ativando um cristal laser – uma ponta de quartzo branco translúcida com base bruta; fricciona-se o laser com suas mãos para ativar sua *piezeletricidade* – capacidade do cristal gerar tensão elétrica por pressão mecânica. Após essa ativação, toma-se muito cuidado com a entrada e saída de energia desse cristal, certificando-se que a base bruta do laser não ficará apontada para o corpo do terapeuta – escoando sua energia; bem como a ponta deste cristal, emissora de energia que deve ser canalizada para o lugar certo e com os movimentos adequados. Enquanto o laser não está sendo utilizado ou quando o terapeuta está indo da parte de baixo da maca para à parte de cima, por exemplo, deve-se carregar o cristal apontando para o teto da sala, ao lado do corpo do terapeuta e sem direcioná-lo para o cliente, nem para ninguém.

B2: A limpeza-abertura geral do campo energético começa apontando o cristal laser ativado para a ponta de quartzo branco que está sobre a cabeça do cliente, intencionando que se estabeleça um conexão energética entre os dois. Logo em seguida desloca-se o laser pelo eixo corporal do paciente até chegar abaixo dos pés, intencionando esta energia para o ralo energético, anteriormente preparado. Repete-se o mesmo processo, igualmente, de um lado e de outro do corpo, passando pela linha imaginária que corta o corpo longitudinalmente próximo da região dos mamilos. Após esse procedimento, o terapeuta desloca-se para os pés do cliente, direciona a ponta do laser para o centro de um dos pés e produz movimentos anti-horários, três, seis ou nove vezes. Quando finalizar aponta-se o cristal para o ralo energético, intencionando o direcionamento da energia para lá. Repete-se no outro pé.

B3. A limpeza dos centros energéticos principais começa por uma limpeza inicial que pode ser feita tanto a partir do primeiro como do último centro energético, ou seja, da base da coluna – 1º ou do topo da cabeça – 7º. Introduce-se o laser em algum desses chackras, por exemplo o 7º, e repete-se o procedimento feito nas solas do pé: movimento anti-horário, três, seis ou nove vezes. No entanto, após feitas essas rotações, desloca-se o laser ao longo do eixo central do corpo até abaixo dos pés e intenciona-se o deslocamento da energia para o ralo energético. Isto é feito em todos os chakras: no topo da cabeça, entre as sobrancelhas, na garganta, centro do peito, estômago e/ou umbigo e baixo ventre. Por último, insere-se o laser entre os joelhos apontando para a maca, depois deitando-o e apontando para a base da coluna, repetindo os movimentos circulares e seguindo para o ralo energético. Ao finalizar, pode-se voltar, repetir a limpeza no coração e acrescentar a dos ombros, cotovelos e mãos. Se sentir necessidade pode fazer em qualquer outro órgão, articulação ou meridiano do corpo. Para finalizar, repetir limpeza em cada uma das solas dos pés.

C. Energização: transformação e acesso a novas informações e padrões energéticos

Neste momento são inseridos os cristais correspondentes a cada chakra, por padrão de cor, respeitando suas frequências baixa, média, alta e altíssima conforme a capacidade do paciente de tolerar excitação e vitalidade naquela região – vide a tabela na página 10. Sendo que cada cristal possui uma propriedade energética diferente, devido a sua composição química, sistema de cristalização e por consequência sua cor. Aqui não

entraremos em detalhes sobre essas propriedades específicas. Evidenciamos, apenas, que a escolha dos cristais acontece por conhecimento dessas propriedades, conexão com as necessidades terapêuticas do paciente e intuição. Na próxima página está a tabela dos cristais mais utilizados durante a litoterapia.

C1: É colocado gradativamente um cristal em cada centro energético principal – Chakra ou Couraça. Além desse cristal também pode ser incluso, cristais laterais a esse Chakra – um de cada lado, de tipos e tamanhos iguais entre eles; do mesmo padrão de cor, embora não precise ser do mesmo tipo do cristal central. Inicia-se geralmente de baixo para cima – do preto para o branco. Neste momento, são retirados os cristais de limpeza – cianitas e turmalinas pretas; trocando-as por três hematitas que ficam entre os pés, em formato de triângulo – duas hematitas no lado de dentro de cada calcanhar e uma mais acima, entre as duas, formando um triângulo apontado para cima. Este processo é para garantir a ancoragem da energia nos pés. Na cabeça, mantem-se os cristais dos olhos e troca-se o cristal entre as sobrancelhas por um relacionado ao 6º Chakra.

C2. Para mensuração dos Chakras, utilizamos pêndulos de cristal para medir a abertura ou o fechamento dos pontos energéticos-couraças. Insere-se o pêndulo sobre os pontos energéticos e observa-se a qualidade do movimento que acontece espontaneamente. Caso estejam fechados – girando no sentido anti-horário; deixa-se o pêndulo movimentar até que ele mude espontaneamente seu sentido de giro, tornando-se horário e estável.

C3: Para desbloqueio e energização dos *meridianos* – canais energéticos laterais aos chakras principais, utilizamos dois bastões de selenitas brancas de mesmo tamanho, colocando-os uma ponta sobre cada lateral do chakra e também nas articulações, permanecendo cerca de 15 ou 20 segundos mantendo a concentração e a respiração bem fluida. Depois, invertemos a ponta do bastão, colocando-a sobre os mesmo pontos e repetindo o processo.

C4: Por último, realiza-se a construção de um campo energético ainda mais harmônico e potente, colocando em torno da pessoa mais cinco pontas de cristais de quartzo branco translúcido. Uma ponta já estava posicionada desde o início da sessão – sobre a cabeça; as outras cinco são posicionadas de forma que fiquem sempre contornando o corpo, sendo uma em cada lateral dos ombros, dos joelhos e uma entre e abaixo dos pés. Após colocados, ativa-se intencionalmente visualizando ou conduzindo com as mãos uma conexão entre os seis cristais, formando um hexágono alongado. E assim forma-se um campo energético de autorregulação harmônica – ponto máximo da prática.

5. Finalização da prática

A sessão prática se encerra quando o terapeuta visualiza um bola azul de energia em volta do campo da pessoa – diminuindo as mobilizações energéticas e desativando os campos energéticos criados. Isso feito retira-se gradativa e cuidadosamente todos os cristais do corpo da pessoa.

6: Diálogo entre cliente e terapeuta

Vagarosamente, o cliente é avisado sobre o fim. Pede-se para sentir sua respiração, seu estado interno e físico, fazer algum movimento que deseje ou alongamentos, e ir se levantando gradativamente. Geralmente deixo um espaço vazio para algo espontâneo vir do paciente, mas também posso fazer perguntas como – como foi a experiência? como esta se sentindo?; abrindo o diálogo e a escuta para o paciente. Também compartilho sensações, impressões e ressonâncias que tive durante o atendimento, bem como o funcionamento dos chackras e as reações corporais observadas, sempre pela ótica da Análise Bioenergética.

Tabela de Localização e Frequência (ou carga energética) dos cristais por padrão de cor		
Chakra na sola dos Pés: preto	Alta	Onix, Magnetita
	Altíssima	Vassoura de Bruxa, Quartzo Fumê, Mica Preta, Turmalina Preta
1º Chakra: vermelho (posiciona-se entre os joelhos)	Baixa	Dolomita Vermelha
	Média	Ágata de Fogo, Jaspe Vermelho, Limonita, Quartzo Vermelho
	Alta	Granada
	Altíssima	Alexandrita, Bauxita, Estauroлита, Jaspe Sanguíneo, Olho de Boi, Pedra da Cruz, Rubi
2º Chakra: laranja (três dedos abaixo do umbigo)	Média	Cornalina, Pedra da Lua Alaranjada
	Alta	Calcita Laranja
	Altíssima	Selenita Laranja, Topazio Imperial, Bronzita, Pedra do Sol
3º Chakra: amarelo (umbigo ou o estômago-diafragma)	Baixa	Alabastro
	Média	Pirita, Calcita Amarela, Jaspe Amarelo
	Alta	Citrino, Calcita Ótica Amarela, Enxofre
	Altíssima	Bronzita, Olho de Tigre, Hiddenita Amarela, Fluorita Amarela
4º Chakra: verde (centro do peito)	Média	Disopisidíio, Epidoto, Quartzo Verde, Talco
	Alta	Amazonita, Crispazio, Jaspe Verde, Serpentinita
	Altíssima	Brasilianita, Cianita Verde, Esmeralda, Fuchsite (Mica Verde)
4º Chakra: rosa (centro do peito)	Média	Calcita Rosa
	Alta	Calcita Ótica Rosa, Canga Rosa, Quartzo Rosa, Rodocrasita
	Altíssima	Kunzita, Mica Rosa, Morganita, Rodonita
4º Chakra: multicoloridas (centro do peito)	Alta	Unakita
	Altíssima	Crisocola, Turmalina Melancia
5º Chakra: azul (garganta)	Média	Calcita Azul
	Alta	Calcedônia, Quartzo Azul, Apatita Azul
	Altíssima	Água marinha, celestita, cianita azul, larimar, olho de falcão, topazio azul, turquesa, turmalina azul
6º Chakra: índigo (testa)	Altíssima	Azurita, Lápis Lázuli, Safira Azul, Iolita, Sodalita, Topázio Azul, Turquesa, Turmalina Azul
6º Chakra: violeta (testa)	Alta	Ametista, Cacochinita, Ametrino
	Altíssima	Charoíta, Fluorita Violeta, Mica Lilás, Sugilita, Tanzanita, Atlantisita, Stichtita
7º Chakra: branco (topo da cabeça)	Média	Dolomita Branca
	Alta	Calcita Ótica Branca, Feldspato Branco, Howlita, Ulexita
	Altíssima	Apofilita, Aragonita, Damburita, Diamante, Goshenita, Galena, Jade Branco, Magnesita, Okinita, Pedra da Neve, Petalita, Selenita Branca, Topazio Branco, Quartzo Branco, Quartzo Rutilado

Desenvolvimento

1. Energia, Emoção e Sensação em Reich

Segundo Reich, as emoções não são exclusivas dos seres humanos e sim de qualquer matéria viva que tenha movimentos espontâneos decorrentes da interação com o meio. Dessa forma, o funcionamento plasmático das partículas simples não diferem de forma alguma dos organismos mais complexos e altamente desenvolvidos, já que ambos respondem aos estímulos com movimentos – ação, que por sua vez geram emoções.

Então, temos em Reich (2003, p. 58-59) que “se as funções básicas da vida forem idênticas em toda a matéria viva; se as sensações surgem das emoções; e se as emoções brotam dos movimentos plasmáticos reais” esta, portando, além de ser característica básica de qualquer matéria viva, é gerada a partir de uma ação espontânea de nível plasmático. Assim, podemos dizer que o prazer, o anseio, a raiva, a tristeza e outras emoções básicas se diferenciam em termos de sensação, que no ser humano é constituída a partir do julgamento aprendido-desenvolvido sobre aquela emoção.

Por exemplo, quando duas pessoas sentem prazer uma delas pode ter uma sensação ruim enraizada na crença de que entrar em contato com o prazer leva ao castigo de Deus. E a outra, uma sensação extremamente positiva já que durante sua infância viveu experiências que autorizavam e legitimavam o prazer. Assim, nos dois casos a emoção básica é a mesma, mas as sensações geradas são diferentes.

Portanto, os conceitos previamente cristalizados sobre as emoções influenciam diretamente na sensação e por consequência na reação à emoção. E como o organismo está devidamente preparado para evitar entrar em contato com a angústia e os desprazeres, é por meio das contrações musculares crônicas que ele é capaz de conter as emoções que geram sensações ruins.

Esse é um fenômeno natural nomeado por Reich de encouraçamento muscular. No entanto, esse processo impede que o sujeito sinta qualquer espécie de corrente plasmática e suas correspondentes sensações – agradáveis e desagradáveis. E o contrário também é verdadeiro, segundo Reich (2003, p. 63):

Na mesma proporção em que se afrouxa a couraça aparecem sensações de correntes, que o organismo encouraçado experiencia no início como angústia. Depois da dissolução completa da couraça, as correntes orgonóticas são experienciadas como prazer.(...) Ocorrem em paralelo mudanças fundamentais das sensações dos órgãos; e, com as sensações dos órgãos, muda rápida e radicalmente toda a visão de vida.

Dessa forma, na obra de Reich temos que o fluxo energético do corpo pode ser sentido e encontra mobilidade quando as couraças são flexíveis, permitindo que a percepção do mundo externo e a autopercepção aconteça de forma coesa pela unidade funcional

emoção-sensação, que podem se expandir e contrair livremente mantendo a saúde integral do organismo.

Portanto, o desafio do trabalho terapêutico é facilitar o contato reconciliador com as emoções estagnadas embaixo das couraças. E para desenvolver esse aspecto utilizarei a obra e trabalho de seu discípulo Alexander Lowen.

2. O Corpo no Trabalho Bioenergético de Lowen

A partir das pesquisas de Wilhelm Reich, Lowen desenvolveu outras técnicas de trabalho psicoterapêutico, baseadas na capacidade que a vibração corporal tem em flexibilizar couraças musculares, aumentar a vitalidade do organismo e o contato profundo consigo mesmo e com a realidade externa. Assim, um dos princípios que fundamentam o processo terapêutico loweniano é o *grounding*, que propicia segurança para que ocorram transformações no sistema bioenergético humano, permitindo a autorregulação e a integração energética, imprescindíveis para a flexibilização de bloqueios musculares e emocionais o corpo.

Ao mesmo tempo, o *grounding* também pode provocar desbloqueios emocionais e físicos profundos, porque a energia que antes criava tensão começa a ser dissolvida pela vibração provocada e redistribuída no organismo, sendo percebida como formigamentos, com variação de temperatura e de coloração da pele, mobilidade e forma do corpo, vitalidade, aumento da respiração, tremores e pulsação local ou generalizada. E além desses efeitos também pode observar com frequência tosse, espirros, deglutição, sensações de enjoo, tontura, ânsia, dor, prazer ou desprazer, peso ou leveza, o aumento da capacidade de sentir o corpo físico e seus movimentos energéticos mais sutis.

No entanto, quando dizemos *grounding* na Análise Bioenergética geralmente estamos nos referimos ao *grounding* postural, que foi o desenvolvido por Lowen em 1982, embora esse conceito já tenha sido ampliado. E apesar de não ser a ênfase deste trabalho é importante salientar que houve transformação da noção deste termo, levando outros teóricos como David Boadella em 1992 a elaborar o *grounding interno*, de *olhar* e de *útero*. Hoje podemos pensar também no *grounding* em termos de *família*, *cultura* e *espiritualidade*, sendo outras maneiras de enraizar e entrar em contato com si mesmo e sua capacidade de pulsar vida no corpo (Weigand, 2006, p. 49-74).

Assim, pode-se dizer que tanto o *grounding* postural como os exercícios de bioenergética tem a característica de colocar a pessoa em contato profundo com o corpo, aumentando a carga do organismo e a capacidade de descarga das sensações físicas e dos sentimentos correlacionados. Pode ser muitas vezes seguido de expressões autênticas como gargalhadas, gritos ou choros profundos, provocando um equilíbrio energético e emocional nomeado como *autorregulação*. Estas manifestações da energia corporal podem ser ou não acompanhadas de *insights*, ou seja, compreensão da história emocional do sujeito.

Dessa forma, Wilhelm Reich e Alexander Lowen construíram bases sólidas para o pensamento e desenvolvimento da relação mente, corpo e energia dentro do processo psicoterapêutico, fornecendo condições para outros autores posteriores continuarem o trabalho. Posto isso, nas próximas etapas dessa pesquisa irei aprofundar reflexões reichianas e lowenianas a partir de observações clínicas da Litoterapia – e portanto, na utilização de novos instrumentos ainda não abordados na perspectiva da psicologia corporal: os cristais.

3. Cristais e Corpo humano

Este capítulo é ainda introdutório ao tema e trata-se de uma aproximação entre cristais e corpo humano, onde abordo questões teóricas e conceituais a partir do desenvolvimento de algumas objeções e hipóteses que emergiram durante a prática da litoterapia e desta pesquisa, sobretudo no âmbito do funcionamento e da relação dos minerais com corpos orgânicos, criando fundamentação para aprofundamentos posteriores.

Sendo assim, começarei contestando a própria prática da litoterapia. A primeira objeção que me deparei na clínica com os cristais foi sobre as possíveis causas dos efeitos terapêuticos que observava, perguntando-me se o peso dos minerais sobre corpo seriam o motivo dos resultados que veremos mais adiante. Já que tanto o toque como a sensação de peso na pele são capazes de gerar efeitos afetivos e autorreguladores do organismo. Inclusive, este é um procedimento muito utilizado na Análise Bioenergética com pacientes que possuem características de dissociação corporal e psíquica.

No entanto, apesar de muito pertinente esta reflexão não se sustentou ao longo do tempo, pois logo percebi que o organismo reagia mesmo quando os cristais não estavam sobre o corpo do paciente – por exemplo, quando colocados sobre a maca sem nenhum contato físico entre os dois. Também notei que não tinha relação direta entre o peso dos cristais e a sensação experimentada no corpo.

Por exemplo, cristais grandes e densos podem ter peso desprezível no nível de impressão interna. E o inverso também é verdadeiro, cristais minúsculos de miligramas, podem causar grande desconforto no organismo. Assim, apesar desta objeção poder merecer atenção em futuras pesquisas, a princípio parece não se fundamentar como resposta aos efeitos que veremos no capítulo seguinte.

Mas ainda nestas elaborações iniciais, me deparei com outra questão. O fato da paciente deitar por no mínimo 45 minutos numa maca em silêncio pode ter gerado resultados terapêuticos? Pois na psicoterapia corporal sabe-se que ao colocar um cliente na posição horizontal num colchão e de olhos fechados, ele é automaticamente induzido a regressar às suas estruturas mais primitivas e infantis. Técnica esta também utilizada na psicanálise para livre associação.

No entanto, a velocidade dos efeitos obtidos na prática clínica, sobretudo, na descida e integração da energia com as pernas, é difícil de acontecer tão espontaneamente.

Principalmente quando se trata de pacientes com dissociações corporais e funcionamentos esquizóides que o levam para fora, e não para dentro do corpo.

Portanto, a explicação dos efeitos obtidos também não parece ser esta. E para aprofundarmos de forma mais coesa nas causas dessa relação precisaremos voltar à base do conhecimento da Análise Bioenergética, especificamente em Wilhelm Reich quando desenvolveu estudos sobre relação da energia com a matéria orgânica e inorgânica. Pois se estamos abordando cristais neste trabalho me parece plausível recorrermos a este conhecimento.

Segundo Reich (2003, p.59) “A matéria não viva não sente porque está sem movimento pulsatório. Quer seja uma pedra ou um cadáver, transmite a impressão imediata de imobilidade e, com isso, uma falta de sensação.(...) A matéria não viva não possui emoções, isto é, não tem movimentos espontâneos.” Portanto, neste trecho Reich associa movimento espontâneo a matéria viva. No entanto sabemos que um cristal, ou uma pedra, não estão estáticos apesar de parecer a olho nú.

Em Weigand (2006, p. 38) temos que “as moléculas possuem movimento contínuo, elas se “agitam”. Moléculas são compostas por átomos, em cuja composição entram elétrons.”, que por definição são partículas em constante movimento. Assim, cristais podem não ter movimentos espontâneos e variáveis, mas os possuem de forma estrutural, simétrica e repetida – a partir de seu sistema de cristalização. Segundo O Museu de Minerais, Minérios e Rochas Heinz Ebert (2020), da Universidade Estadual de São Paulo:

“Uma característica de um mineral é ter uma estrutura interna definida, ou seja, uma estrutura cristalina. (...) Atualmente, é chamado de cristal, todo sólido homogêneo, natural ou mesmo artificial, com estrutura interna ordenada (estrutura reticular), isto é, com átomos e íons ocupando posições definidas no espaço cristalino.

Portanto, voltando e aprofundando ao exemplo que Wilhelm Reich forneceu sobre matéria viva, podemos reconsiderar alguns detalhes. O cristal se diferencia de uma pedra pois esta última é amorfa – sem forma interna padronizada, e portanto, com movimentos das partículas internas instáveis e imprevisíveis, apesar de não serem espontâneos. Diferentemente, o cristal possui sistema molecular ordenado e portanto pulsação estável e previsível, mas também não espontânea – até por isso são usados como marcadores de tempo em relógios de precisão ou em aparelhos eletrônicos.

Sabendo disso, e que para Reich o movimento plasmático do organismo vivo é quem gera diversas emoções básicas no corpo, pergunto-me se o movimento padronizado das moléculas dos sistemas cristalinos também teriam a capacidade de gerar emoção – mas é claro, sem variações espontâneas e múltiplas como no ser humano; reproduzindo apenas um tipo de padrão emocional e estimulando por ressonância essa mesma emoção nos seres vivos que entram em contato com sua matéria cristalina.

Esta hipótese foi levantada pela experiência prática observável de que conjuntos de cristais, ou cristais utilizados isoladamente no corpo, causavam sempre emoções muito parecidas, mesmo que em sessões diferentes ou quando testados em outros pacientes.

Dessa forma, os cristais poderiam ser responsáveis por causar *ressonância* de uma mesma emoção básica no corpo, sendo cada cristal responsável por um tipo de estímulo que não varia, já que não possuem movimentos espontâneos. E inclusive por isso podem ter seus efeitos previamente conhecidos, os quais comumente chamamos de *propriedade energética dos cristais*, que se diferencia por padrão de cor, minerais constituintes e sistema de cristalização.

Ademais, em termo da energia *orgone* – que podemos entender a nível corporal como fluxo na energia vital do organismo, Reich (1975, p.192) diz que ela se desenvolve a partir da matéria inorgânica por meio de aquecimento e dilatação. O que me leva questionar sobre a possibilidade da litoterapia também funcionar a partir de um sistema de *retroalimentação*.

Assim, quando os cristais – matéria inorgânica, estimulam o corpo pelos seus movimentos moleculares padronizados e repetidos – e que supostamente parece despertar emoções nos pacientes; também invariavelmente o organismo humano afeta os cristais, esquentando-os. Estes, portanto, respondem com a produção de energia vital – ou nas palavras de Reich (1975, p.192) “desenvolvem orgone”, na região corporal a qual estão em contato, o que podemos observar pelo aumento de temperatura não só dos cristais após a sessão, mas também dos pacientes.

Afinal, Reich (2003, p.245) diz que “a matéria viva surgiu da natureza inorgânica como uma variação especial e, na sua superposição, é funcionalmente idêntica a ela.” Portanto, deveria ser esperada a existência de diálogo natural entre matéria orgânica e inorgânica no organismo humano. Em outras palavras, entre os cristais e o corpo.

E em ressonância com o pensamento de Reich temos o discurso de Carla – paciente a qual vamos, mais adiante, realizar o estudo de caso. Quando perguntei para ela sobre como imaginava que se dava a atuação dos cristais no corpo, respondeu: “ainda é nebuloso para mim entender. Mas a gente está no mundo, os cristais estão no mundo. Alguma ligação a gente tem com eles. Nossa vida passa muito pelo discurso e pela palavra. Não podemos negar isso. Mas talvez se a gente cultivasse cristais no dia a dia a gente pudesse entender melhor como se dá essa troca.”

Assim, vemos que a percepção empírica de Carla sobre a capacidade de relacionamento e de similaridade corpo-cristal, tem convergência não só com o pensamento de Reich, mas também com os contemporâneos da Análise Bioenergética. Weigand (2006, p. 39) reforça: “é curioso pensar que os seres humanos são cristais vivos.” E que “usualmente os corpos vivos não são considerados como cristalinos porque quando se pensa em cristais normalmente se pensa em materiais duros, como diamante ou ágata.”

Porém, ainda segundo Oschman (2000) apud Weigand (2006, p.39) “cristais vivos são compostos por moléculas longas, finas, são flexíveis e macias. De forma mais precisa, são cristais líquidos”. Sendo que este corpo cristalino líquido está presente nos “arranjos de moléculas fosfolipídicas, que formam as membranas celulares e as bainhas de mielina dos nervos”. Além dos “arranjos de colágenos, que formam o tecido conectivo e a fáscia, dos conjuntos contráteis nos músculos, nos conjuntos de elementos sensoriais nos olhos, nariz e ouvidos etc”.

Ademais, dentro do cérebro humano também existem formações de cristais – o mesmo que utilizamos nas sessões de litoterapia. Oliveira (1998, p.102-106) diz que a “glândula pineal possui uma estrutura compatível com formações cristalinas de Apatita”, que por sua vez tem função vinculada com a “interação de campo magnéticos” do nosso corpo com o meio.

Também, como descreve Ribeiro (2007, p.62), o cristal de apatita está presente nos ossos e dentes, e é um dos componentes necessários ao efeito piezoelétrico do organismo – que transforma energia mecânica em elétrica. Assim temos dados de que além de termos estruturas cristalinas no organismo – de forma líquida, também temos os próprios cristais atuando como mediadores entre o interno-externo e na produção de eletricidade corporal.

Dessa forma, ampliamos a escuta quando lemos Lowen (1990, p.121): “indivíduos que não estejam ligados à terra correm risco de serem esmagados por sensações fortes, sejam elas de natureza sexual ou não. (...) os indivíduos que não estão ligados à terra precisam reduzir todas as suas sensações, visto que, se forem esmagados por elas, ficarão aterrorizados. Em contraste, um indivíduo ligado à terra consegue suportar uma forte excitação, que será vivenciada na forma de alegria e transcendência.”

Talvez esse discurso seja ampliado durante este trabalho, para além dos aspectos metafóricos e posturais, para uma relação corpo-terra mais literal e próxima, já que os cristais além de se apresentarem como pertencentes a própria biologia humana, também tem se mostrado eficazes em afetar o corpo – como veremos e discutiremos a seguir.

4. Cristais e Psicologia Corporal

Aparentemente não existe nenhuma relação entre o trabalho corporal de Lowen e Reich com a utilização de cristais no processo psicoterapêutico. Porém, pela perspectiva de mobilização da bioenergia no corpo podemos encontrar pontos de ressonância entre essas vertentes, principalmente em termos de acesso as sensações e emoções.

De acordo com Wilhelm Reich (2003, p. 67) e suas pesquisas clínicas e laboratoriais “tanto a percepção como a autopercepção, a impressão sensorial e a emoção se fundem para formar uma unidade funcional. Disso se conclui que a sensação de órgão é o instrumento mais importante de pesquisa científica natural”.

E sabendo disso, ainda em meu primeiro ano de formação em Análise Bioenergética me espantei ao perceber que os resultados que observava durante os atendimentos em

grupo, realizados pelos professores de bioenergética, e posteriormente na minha própria terapia pessoal como paciente, eram muito similares aos que presenciava na clínica litoterapêutica, a qual já havia me iniciado profissionalmente há algum tempo.

Quando descobri que os movimentos involuntários do corpo eram algo valioso na terapia bioenergética e representante direto da autorregulação corpo-emoção fui tomado por certo entusiasmo e uma sensação de que algo importante estava sendo conectado. Pois durante a sessão com cristais o que eu mais observava, embora não desse tanta atenção inicialmente, era exatamente as reações orgânicas e involuntárias do corpo, que saltavam às percepções do paciente e até as do terapeuta, que muitas vezes podia ver ou ouvir, no caso de espasmos e sons, por exemplo.

Porém, e diferentemente da psicoterapia corporal, eu não havia feito propostas de exercícios e nenhum movimento corporal expressivo que justificasse tais desbloqueios durante o atendimento. Ao contrário, o paciente ficava com o corpo em repouso. Então, logo vem uma pergunta inevitável: como seria possível uma repercussão similar a de liberação de traumas profundos, como choros, formigamentos, espasmos ou risos espontâneos sem a estimulação convencional da musculatura e tecidos corporais e nem mesmo pela investigação analítica da qual a terapia com cristais era isenta?

Os cristais teriam capacidade de afetar o corpo ou as emoções? Aparentemente esta hipótese causa certo estranhamento, confesso que até em mim e nos mais crédulos e receptivos. Por isso, precisamos de experiências práticas para refletir sobre esse fenômeno. A partir de agora irei apresentar alguns dados da observação clínica em litoterapia, em termos de couraça, caráter, energia, sentimento e grounding.

5. Litoterapia-Análise Bioenergética: introdução ao caso clínico

Para atingir o objetivo deste capítulo farei um estudo de caso da clínica Litoterapêutica – responsável pela afetação corporal-emocional; integrada à Análise Bioenergética – responsável pelos aspectos teóricos e analíticos do processo; a partir do qual também será incluso experiências com outros pacientes que possam enriquecer o desenvolvimento do trabalho.

Assim, começarei pelo caso de Carla, de 41 anos, divorciada e professora de universidade pública bem reconhecida. Ela fez *litoterapia* – terapia com cristais, uma vez por semana, durante 7 meses consecutivos em 2018. E após esse período aceitou fazer um relato verbal de sua experiência e trajetória clínica, que será transcrita gradativamente no decorrer do desenvolvimento deste trabalho.

O caso de Carla chegou na clínica com queixa inicial de ansiedade. Ela havia acabado de sair de crises de pânico, que melhoraram após a terapia psicanalítica que ela havia realizado por mais de dois anos. Porém, Carla se dizia insatisfeita com as compreensões mentais adquiridas durante o processo terapêutico, sobre sua ansiedade e falta de resolução prática dos seus sintomas, que apesar de diminuídos não cessaram completamente.

Carla já tinha consciência de que o corpo era um elemento importante do seu processo. Era nele que apareciam as sensações de morte, pânico, desespero, falta de ar, entre outros sintomas, que o faziam ser visto como inimigo que esperava o momento certo para, nas suas próprias palavras, “puxar o tapete” dela. E por isso resolveu fazer uma terapia diferente, que incluísse a percepção do corpo no tratamento.

Carla fazia bom uso de sua intelectualidade no campo acadêmico, tinha ótimos resultados profissionais e bom cargo. No entanto, em termos emocionais, facilmente entrava em paranoias persecutórias, ansiosas, experimentando sensações de impotência e perda de controle.

Visualmente seu corpo revelava um deslocamento energético e emocional para cima, acompanhado de um grounding postural precário. Carla tinha o corpo bastante fragmentado, com vazamentos energéticos visíveis nas articulações e nas conexões dos membros periféricos. Toda sua energia era nitidamente destinada à mente e seu corpo se apresentava abandonado.

Dessa forma, a tarefa terapêutica nesse primeiro momento se concentrou no contato, no contorno e na conexão com seu corpo, bem como na estruturação e na descida da energia para as pernas, a fim abrir os canais para o grounding aliviando a sobrecarga da região superior do organismo, visando diminuir o distanciamento entre o somático e o psíquico que a deixava parcialmente dissociada da realidade, sobretudo em termos dos sentimentos que a levavam para um estado de medo ou pavor.

6. O Início do Trabalho Bioenergético com os Cristais: sensações e percepções recorrentes

A partir dessa leitura corporal da Análise Bioenergética, o tratamento ganhou mais consciência sobre o caminho a ser percorrido, facilitando a combinação e inserção de determinados cristais que ajudariam a cumprir a tarefa terapêutica. Conhecimento este, que modificou minha relação com a litoterapia, e inevitavelmente, os resultados.

Dessa forma, por aproximadamente quarenta e cinco minutos, com intuito principal de deslocar sua energia para baixo, além do método tradicional descrito na metodologia, enfoquei em alguns outros aspectos, como nos cristais vermelhos – para estimulação do primeiro centro energético, e das pernas; turmalinas e cianitas pretas – para presença nos pés e abertura do escoamento energético do corpo; como também no uso de hematitas nos pés e/ou pernas, de forma gradativa e cuidadosa – pois trazem presença forte, aumentam a circulação e até mesmo pressão arterial.

Utilizei, sobretudo, muitos epidotos e dolomitas brancas e outros cristais que contém cálcio para aumentar a estrutura do corpo e trabalhar na reconstrução dos vazamentos energéticos, sobretudo das articulações. E também selenitas brancas – que além de estruturar, abrem a presença sutil para a percepção do campo energético e afloram a circulação de energia. Ainda assim, apesar desse enfoque, todas as couraças eram

estimuladas simultaneamente com seus cristais correspondentes – vide tabela de cores na metodologia.

Dessa forma, recordo-me que um dos primeiros sinais mais significativos que Carla presenciou sobre a tarefa terapêutica inicial foi quando ela relatou que seus pés começaram “pegar fogo”, que eles ficaram muito quentes durante a sessão. Ela disse que nunca havia visto isto acontecer já que seus pés são usualmente gelados.

E foi assim, que Carla me indicou que sua energia havia começado a chegar em seus pés, e portanto percorrido suas pernas. Processo este que comumente é realizado através do grounding postural ou da flexibilização das couraças musculares por movimentos, vibração, toques e/ou respirações, intencionais.

Vale ressaltar que este não foi um caso exclusivo ou atípico. Muitos pacientes, até mesmo na primeira sessão, já relatam sentirem algo descer para as pernas como se estivesse sendo “puxando para baixo”, ou até mesmo presenciam formigamentos nos membros inferiores.

Em outros casos, relaxamento profundo que geralmente vem seguido de espasmos que percorrem da cabeça aos pés e que são visíveis ao terapeuta. Vibrações internas e sensação de eletricidade. Variação de temperatura como a Carla, dores agudas e pontadas nas coxas, joelhos, tornozelos e pés, relatados muitos vezes como agulhadas intensas.

Todos essas sensações, e outras similares, evidenciam a presença e consciência da tensão ou de fluxo da energia nessas partes do organismo. Vide Weigand (2006, p.41):

“Considerando o congelamento emocional e energético crônico representado por tecidos espásticos, o movimento vibratório representa a volta à vida. A dor, vista como sinal de impedimento do movimento da vida nos tecidos, pode ser ultrapassada se for trabalhada em um limiar tolerável que facilite a liberação das tensões. O resultado é o alívio e, como consequência, o prazer.”

Portanto, após essas movimentações que aconteceram no corpo de Carla que indicavam integração com as pernas, eu sabia como analista bioenergético que seu corpo havia dado sinais de que poderia sustentar algumas pequenas ampliações emocionais e energéticas. Assim, mantive os estímulos anteriores mas também fui gradativamente focando o trabalho para área de maior incômodo e dificuldade – região do peito; supostamente onde teria uma grande couraça muscular.

Dessa forma, Carla foi experimentando a abertura moderada das couraças e como seu corpo respondia a elas em sessões consecutivas. Para isso foram utilizados diversos cristais, respeitando seus padrões de frequência responsáveis por aumentar mais ou menos a carga do organismo – entre eles muitos cristais verdes que promovem

equilíbrio emocional, abertura e flexibilização gradual do bloqueio da couraça torácica, fazendo contato amistoso com o corpo.

Foram usados sobretudo turmalinas verde e melancia – que promovem desbloqueio mais intenso e até mesmo de nódulos corporais devido sua emissão de íons (Lameiras, F. S.; Leal, J. M; Melo. V. A. R. de. 2005, p.4); crisopázio comumente utilizado para lidar com a culpa e pressão afetiva; crisocola, que está ligada a harmonização do funcionamento glandular; amazonita, para adaptabilidade e abertura afetiva; quartzo verde e rosa para equilíbrio geral do centro do coração.

E foi nítido, visivelmente, a mudança na característica geral das sessões. Para quem está de fora – o terapeuta em *ressonância*, sentia um estado delicado do “entrar em contato” com o que estava guardado no coração. Muitas vezes sentia minha respiração trancar. E em *contratransferência*, sentia tensão e vontade de tirá-la da situação para não sofrer, mas não o fazia.

Visualmente podia notar a mudança no padrão da respiração e a intensidade do processo. A respiração de Carla era muitas vezes ofegante, como se algo amedrontador estivesse acontecendo. Já em outros momentos relaxava completamente e quase não se via ou ouvia sua respiração. E de repente Carla sugava ou soprava o ar como se tivesse tomado um susto ou se esvaziado. Claramente, algo estava acontecendo no seu interno.

Segundo Lowen (1985, p. 35), na Análise Bioenergética “o nosso foco se dirige para ajudá-lo – “o paciente” – a perceber e liberar as tensões que o impedem de respirar naturalmente” pois “a boa respiração é essencial a uma saúde vibrante.” Portanto, com isso em mente, sabia que as alterações que observava nos ritmos respiratórios de Carla, representavam um diálogo entre ela e seu corpo, na tentativa de encontrar um caminho mais saudável e equilibrado.

Esse momento crítico de um desbloqueio focado também se repetiu inúmeras vezes com outros pacientes. Recordo-me de uma mulher que disse ter percebido uma dor aguda na sua musculatura intercostal. Outros relataram explicitamente o aumento e a leveza da respiração, também sensações de taquicardia, queimação ou peso no peito, angústia profunda, ansiedade, entre outras sensações e sentimentos que costumam emergir, inclusive a raiva.

Ademais, em regiões diferentes do corpo também notamos esses efeitos. Por exemplo, na cabeça já presenciei relatos de pontadas, sensação de algo estar saindo e entrando dela, tontura, percepção de estar torto, ou com a cabeça pendurada e até mesmo para fora da maca, relaxamento intenso, esvaziamento dos pensamentos ou aceleração dos mesmos, dor de cabeça, sensação de meditação profunda, visões oníricas, insights e sonhos.

Também já me relataram a impressão de que eu havia colocado um cristal embaixo da cabeça da pessoa, tamanho era o incomodo entre o anel ocular e oral que ela estava

sentindo, embora ali não tivesse nenhum objeto ou cristal que poderia incomodar, a não ser sua própria tensão.

Na garganta – deglutições intensas e repetitivas, sensação de nó ou abertura, pressão e tensão, esquentar, pulsar, latejar, doer, coçar e tossir. Recordo-me de uma paciente que fumava muito começar a tossir intensamente durante a sessão, durante um tempo considerável e sem melhoras. Após interferir com duas selenitas brancas, em formato de bastão, colocando uma de suas pontas em cada lateral do pescoço, e após uns 15 segundos aproximadamente, alternar com a outra extremidade do bastão, pelo mesmo tempo de permanência, presenciei cessar completamente a deglutição e a tosse.

Na barriga, observei pacientes que sentiram queimação, pontadas, agulhadas, dor, alívio, movimentos peristálticos intensos e sonoros – como se estivesse com muita fome; formigamentos, contrações, aumento e até correções do movimento rítmico da respiração, vontade de chorar – e às vezes de fato escorrerem lágrimas; ou gargalhada – recentemente um paciente relatou que sua musculara abdominal queria “dar risada”. No quadril – esquentar, vitalizar, circular, doer, pontadas, pulsação, incomodo, vontade de sair correndo, entre outras sensações.

E embora Lowen (1984, p.48) tenha dito que “através de sua autopercepção a pessoa descobre quem é (...)” pois “(...) está em contato consigo mesmo” e Reich (2003, p. 63) que o sinal das flexibilizações das couraças vem por meio de sensações, de correntes energéticas e angustias, ainda assim fica a dúvida se todas essas percepções tem finalidades terapêuticas e se estão acontecendo em nome da saúde e da autorregulação do organismo.

Portanto, a partir do próximo capítulo analisarei se essas movimentações energéticas iniciais observadas no tratamento de Carla, tem significado emocional e se é possível compreendê-las a partir de sua análise caracterológica.

7. Desenvolvimento Caracterológico e Bioenergético com os Cristais

Neste capítulo enfatizarei a unidade caráter-energia no caso de Carla, através da análise das repercussões psicoemocionais e físicas que aconteceram junto aos desbloqueios já mencionados anteriormente e os que ainda serão apresentados.

a. Traços de Caráter de Carla e seu Discurso Inicial

Em termos caracterológicos, era possível ver em Carla um corpo com estruturas *esquizóides* bem claras – alongado, frio, com membros desconjuntados, porosidade e permissividade do seu campo energético, congelamento das extremidades, falta de vitalidade na pele, intelectualidade predominante, contração ocular visível, racionalização da vida, dissociação e distanciamento do corpo – visto como elemento “estranho e ameaçador”. Também era perceptível traços *orais* – como carência, desejo de contato, peito afundado, colapso pélvico, olhar que solicita amor, comunicação bem desenvolvida; e dificuldade de sustentar afetos intensos sozinha (Lowen, 2017; Reich, 1998).

Portanto, seus sintomas – de pânico e ansiedade; eram coerentemente adequados a sua estrutura caracterológica *esquizo-oral* que estava em crise, pela demanda da vida. Sem grounding interno bem desenvolvido, sua estrutura psíquica-corporal foi ameaçada de colapso. Segundo ela, para se manter em pé até aquele momento teve que desenvolver uma atitude de mais enfrentamento na vida, a custo de não se ouvir.

Dessa forma, Carla revela a experiência de não ter tido suporte para entrar em contato com suas emoções mais difíceis, desenvolvendo como defesa de caráter a tentativa de “colar os pedaços” e endurecer o corpo para não “romper com a realidade”. Isto é, congelar emoções e racionalizar o mundo, funcionamento este que não estava mais sendo suficiente.

A intelectualidade já não a protegia satisfatoriamente da realidade externa, dos impulsos e emoções corporais, suscitando os estados ansiosos. Assim, apesar de conhecido e seguro, a racionalização, como ação de suas estruturas defensivas se encontravam impossibilitadas de produzirem movimentos de autoproteção – de direcionar o fluxo da vida para as camadas mais internas e simbólicas do seu ser onde o externo não tinha acesso, sendo possível manter intacto seu direito de existir num mundo visto como hostil e destruidor.

Posto isto, vejamos a própria narrativa de Carla sobre sua demanda interna, onde esses traços caracterológicos podem ser observados implícita e explicitamente em seu discurso, que no decorrer do trabalho ficará mais evidente: “Eu sempre fui uma pessoa que sente muito e expressa pouco o que sente. Muito controladora, racional e com uma capacidade de análise muito bem desenvolvida. Mas em 2015 comecei a ter crises de ansiedade e pânico. O corpo começou chamar muito minha atenção. Eu percebia muitas sensações, que se manifestavam através de dores, dormências e pontadas. Isso era monstruoso para mim e eu achava que ia morrer. Tinha muito medo daquelas percepções.”

“O meu corpo e eu não éramos a mesma pessoa. Ele era meu inimigo. Eu tinha a sensação que ele ia “dar uma volta” em mim e me causar algum dano. Por isso procurei terapia convencional, psicanálise. E a fiz por dois anos e meio. Os sintomas foram diminuindo e fui conseguindo compreendê-los mais. Comecei a ter esclarecimentos e num determinado momento eu já entendia completamente o meu mal estar. Mas esse entendimento não fazia com que ele passasse. Esclarecimentos já não adiantavam mais”.

“E numa crise você fica muito perdido, não tem onde se apoiar. A psicanálise não te dá muito suporte. Cheguei a fazer seis sessões de morfoanálise, entrando em contato com respiração, massagem e algumas sensações do meu corpo que me ajudaram. Tive que viajar para outro país. Lá, conheci a Análise Bioenergética mas devido à dificuldade da língua não pude me aprofundar na terapia, embora o corpo começasse a me interessar.”

“Me incomodava falar tanto sobre minhas emoções e não resolver. E eu sentia que alguma coisa estava dentro do meu corpo. Muita tristeza. Ela ficava na região do peito.

Uma água parada que não passava e eu não conseguia lidar com ela. Voltei ao Brasil e foi aí que eu procurei a terapia com cristais. E ela foi de uma outra ordem”. Vejamos agora o desenvolvimento desse caso.

b. O Desbloqueio Afetivo-Corporal com os Cristais

Posto esta introdução caracterológica, podemos voltar às sessões e sensações de Carla para aprofundar no caso. Após relatar calor nos pés e iniciarmos desbloqueios mais significativos na região do peito, Carla começou a sentir formigamentos nessa região e um deslocamento energético do centro do peito para os braços, e que também fluía para as pernas – efeito de descongelamento esperado nos corpos com traços esquizo-orais.

E à medida que foi experienciando essas sensações decorrentes da movimentação e abertura energética, foi também proporcional e concomitantemente tomando consciência do que havia guardado emocionalmente em seu peito, e até mesmo, congelado dentro dela. Por meio de calafrios arrepiantes, muitas vezes acompanhados de tristeza ou raiva, se permitia sentir, observar e deixar a sensação se deslocar pelo seu corpo. Sendo que essas experiências, reincidiram diversas vezes e de formas diferentes, tornando-a mais íntima do seu corpo e sentimentos. Inclusive, capaz de lidar sozinha com eles, no silêncio e observação, presenciando seu fluxo de vida abrir.

E com a permanência e constância dos atendimentos, Carla pode perceber que essas sensações não destruíram a ela nem a ninguém. E que iam se suavizando no decorrer das sessões, a medida que ela se permitia senti-las. Dessa forma, Carla pode acalmar o medo esquizóide da destruição – e da hostilidade do mundo; ao conseguir entrar e manter o contato com sua vitalidade e sentimentos, ressignificando sua relação de inimizade que havia construído com seu corpo – e por consequência com o mundo externo; voltando a se identificar com ele bem como com a vida, através da retorno energético às suas camadas corporais mais periféricas e externas.

Vejamos, então, como Carla descreve em termos físicos e psicológicos esse desbloqueio corporal: “a cada sessão o corpo reagia de forma diferente, embora existisse um padrão de manifestações do que era preciso ser trabalhado. Em muitas sessões eu sentia um calafrio altamente congelante que se espalhava pelo meu peito. E eu só sentia esse calafrio no momento das sessões com cristais, que traduziu em sensação, e não em palavra, como eu agi em minha vida: sempre não dizendo, guardando e deixando acumular os sentimentos. Eles viraram uma pedra. Só que ao mesmo tempo me protegia e me levava para uma atitude de mais enfrentamento, que conquistei às custas de não me ouvir.”

“Eu tentava traduzir todas essas sensações. Mas depois de um tempo, abandonei essa necessidade e fiquei só com as percepções. Embora a tristeza fosse recorrente nas sessões, numa específica eu senti muita tristeza no peito. E percebi que uma energia se deslocava do peito para as pernas. E o que estava parado ali também começou a fluir para os braços. Foi caminhando. Como se eu começasse a sentir a energia passar.”

“Parece que energia é um conceito abstrato, mas na sessão você começa a sentir. E depois daquilo sempre fui sentindo. Com uns 4 meses de terapia eu já sentia um bem estar muito bom. Fazia muitos anos que eu não sentia. O resultado veio muito rápido. E com a continuidade das sessões comecei a perceber melhor. O meu corpo era fragmentado: eu sentia muito meu peito; as pernas, sentia pouco no começo e depois comecei a sentir mais. Mas eu nunca sentia nada do pescoço para cima. Pensava, mas não tinha sensações. Havia uma divisão: do pescoço para baixo eu sentia e para cima não.”.

Dessa forma, observa-se claramente um avanço de Carla em termos caracterológicos, quanto à compreensão e conexão com sentimentos, a sua autopercepção corporal, a percepção do seu ambiente corporal interno e de seus movimentos involuntários e energéticos, facilitados pela prática com cristais e de sua análise caracterológica feita pela bioenergética, que permitia ao terapeuta ter consciência sobre o desenvolvimento de Carla, criando contexto de segurança e conforto para a paciente aprofundar em sua investigação pessoal, facilitando o reconhecimento e a ressonância natural que a fazia se sentir compreendida à medida que desenvolvia suas conquistas corporais, energéticas e emocionais.

E a partir deste momento, portanto, Carla pode notar pela primeira vez seu encouraçamento cabeça-corpo, que ainda interrompia seu fluxo de energia e impedia sua integração orgástica, comum a sua estrutura de caráter e que será abordada no próximo capítulo.

c. Curva Orgástica e Integração do Organismo

Dessa forma, Carla foi se acostumando com o descongelamento emocional, e aos poucos foi experimentando a sensação de expansão energética do cerne do seu organismo para suas extremidades, aumentando o contato do seu mundo interno com a realidade, de forma integrada e com menos fragmentações.

Sua vitalidade foi crescendo até chegar num momento em que seu corpo conseguiu permitir uma entrega completa ao seu fluxo energético e emocional, numa maior circulação de energia pelo corpo sem bloqueios significativos, inclusive o do pescoço que a mantinha “descolada” e no controle imaginário do corpo.

Esse momento, em especial foi facilitado pelo som de uma tigela de cristal afinada na nota Fá, a qual inclui pela primeira vez no final de uma sessão. Assim, Carla relata sentir um fluxo de cima para baixo no seu corpo, levando-a para um estado de êxtase e grande felicidade, nunca antes sentida. Assemelha esse processo ao que Reich chamaria de orgasmo, onde o corpo conseguiu descarregar de forma livre, numa entrega completa às suas próprias emoções e vitalidade de forma prazerosa.

E embora eu só tenha presenciado uma curva de tamanha magnitude nesse atendimento, com outras pessoas notei que ela também acontece e até em sessões iniciais, mas em menor escala e intensidade. Relatam experimentarem tanto a sensação de um fluxo

energético de baixo para cima, como o inverso. Também, movimentos espirais ao longo do corpo e até rotações completas como se estivessem girando no ar, ou sendo torcidos, sem noção de tempo e espaço, onde podem experimentar uma entrega ao movimento espontâneo do seu próprio corpo e energia.

Vejamos a fala de Carla: “cada sessão é única. E numa delas surgiu um som que me invadiu, era o da tigela de cristal de quartzo. Senti um pouco de incomodo. E logo depois uma sensação boa. Parei de pensar. Comecei a ter uma sensibilidade na testa como se tivesse tido uma abertura, como um rasguinho na pele. Comecei a ter uma sensação de alegria muito grande e uma vontade de chorar. Um chorar da cabeça, como se chorasse de cima para baixo. Eu não chorei de verdade. Mas sentia que estava chorando, de cima para baixo e aquilo tomando meu corpo. Senti que cheguei num nível avançado. Abriu-se uma portinha que estava sempre fechada.”

“A terapia com os cristais é um trabalho ativo que a gente não percebe que está sendo tão ativo assim. Parece que você está passivo na sessão. Mas na verdade tem uma atividade muito forte, na horizontal. É um aprendizado de uma outra ordem.”

Ao final da sessão ficou transparente na expressão de Carla sua experiência de prazer, acompanhada da leveza de um corpo totalmente relaxado, com movimentos graciosos e integrados. E esta cena me lembrou muito alguns atendimentos em Análise Bioenergética que presenciei durante o curso de formação, dos quais os professores diziam ao grupo após o fim da sessão: vejam a vitalidade dela agora, olhem a expressão de seu rosto; não está muito mais bonita, potente, vibrante com sua vitalidade circulando? E assim era minha impressão de Carla naquele momento também, embora não tivéssemos feito nenhum exercício característico da bioenergética.

Assim, nota-se pela descrição do caso de Carla feito até este momento que o fluxo de pulsação da sua energia aconteceu de forma completa, nas três direções descritas por Weigand (2006, p. 46-47): *vertical* – cabeça, pé; *horizontal* – da relação com os afetos; e da *periferia-centro* – das percepções internas e externas. Assim, no próximo capítulo iremos relatar os efeitos destes desbloqueios em termos de *grounding*.

d. Desenvolvimento do Grounding com os cristais e resultado do tratamento

Ainda que seja explícito as mudanças energéticas e o contato com questões caracterológicas importantes durante as sessões com cristais, qual foi o resultado efetivo do tratamento de Carla quanto a sua demanda inicial sobre crises ansiosas? E o seu *grounding*, foi afetado pela terapia?

Segundo Weigand (2006, p.49) existem diferentes tipo de *grounding* que podemos observar, entre eles o *postural* – visa desenvolver a capacidade de autonomia, aumento da carga energética e excitação geral do organismo; de *olhar* – que envolve a capacidade de simbolização e expressão afetiva. E o da *família, cultura e religião* os quais não podemos verificar no caso de Carla, e portanto, não o focaremos.

Também o *grounding Prematuro* – responsável por uma reação defensiva da vida, afastando-se do contato, expressado pela cabeça que se segura sozinha erguendo-se para cima prematuramente e gerando um rompimento na ligação cabeça-tronco e uma tensão na base da nuca.

E por último, o *interno* – movimento da periferia para o centro – *instroke*, que dá suporte energético para a criação e organização de significados físicos e psíquicos aflorando a autopercepção, que quando se completa origina de forma fluida e espontânea o *outstroke* – movimento de preenchimento energético do centro para a periferia. Posto isto, desenvolveremos a análise sobre a queixa inicial e o *grounding* de Carla – a partir de seu relato final após o término do tratamento terapêutico que vivenciou com os cristais e as leituras da Análise Bioenergética.

Vejamos sua narrativa: “À medida que eu ia percebendo tudo isso no meu corpo, eu também comecei a perceber a vida de uma outra forma. Mas a partir do corpo e não da minha cabeça. Atingi um certo bem estar que a gente não atinge entendendo as coisas. Estou tendo paixões pela vida, com coisas cotidianas, e não estou esperando mais grandes feitos. Acordar bem me faz muito feliz. Estar no bem estar é uma forma de me gostar, sem esperar uma salvação que venha de fora.”

“Eu comecei a saber lidar com meus sentimentos. A tristeza que estava parada, agora flui como um rio que passa. E sentir isso no meu corpo realizou para mim como que é a vida. Percebi a tristeza passar. O que eu sinto vem e passa. Antes, eu estava jorrando e não sabia fluir.”

“Fui reencontrando um eu que lida bem com a solidão, no contato com si mesmo. Me reconectando com uma pessoa que não tem medo de estar e lidar com a vida sozinha, com a sensação de bem estar, segurança e de não precisar fugir do sofrimento porque eu sei ele vai passar.

“Eu fui mudando completamente minha percepção e entendendo meu corpo de outra forma, assim como as experiências da vida. Não tenho expectativa que as coisas durem. Atingi uma certa maturidade que foi pelo corpo e não pela mente. Senti isso no corpo então é assim que é a vida.”

“Um trabalho com cristais é um trabalho fundamental. Ele te sustenta. Te dá força. Te dá chão. Te prepara para uma relação com a vida muito diferente. Eu consegui inclusive não fazer mais a terapia convencional. E de incrédula e racional demais, pude perceber outro caminho que não é pelo pensamento, mas pelo sentimento. Me sinto totalmente transformada.”.

Dessa forma, fica evidente que Carla desenvolveu aspectos importantes que contribuem para a construção dos diferentes tipos de *grounding*, sobretudo em termos de estruturação interna e capacidade de se relacionar com a vida. Vamos analisar cada um deles mais especificadamente agora.

Primeiramente, o *grounding interno*, que foi fortalecido através do *instroke* estimulado durante a terapia, por meio das autopercepções espontâneas e consciências corporais, energéticas e emocionais acessadas, que como previsto na teoria levou a Carla do contato, organização e simbolização interna para o *outstroke* – expansão energética; vide o capítulo anterior: *Curva Orgástica e Integração do Organismo*.

Já em termos do *grounding prematuro*, apesar de não ter investigado a história de vida de Carla, podemos notar o movimento de compensação do seu corpo, sobretudo pela quebra do pescoço e sobrecarga intelectual, que tentava ser autossuficiente sem condições adequadas e recursos sólidos.

Metaforicamente, pode-se dizer que endureceu seu corpo para que todas as partes pudessem ficar coladas, possivelmente pela necessidade de ter que contar com sua própria força antes do tempo – “me levava para uma atitude de mais enfrentamento, que conquistei às custas de não me ouvir”; que simultaneamente deve ter experimentado com a falta de suporte afetivo de figuras parentais.

Dessa forma, durante a terapia pudemos notar o desenvolvimento de um *grounding* mais integrado e em contato com suas necessidades pessoais e fragilidades – sobretudo a solidão; e que com o apoio e constância da terapia pode dar tempo para a construção mais verdadeiramente *grounded* de sua estrutura interna, flexibilizando a necessidade ilusória de autossuficiência marcada pelo corte energético na base da nuca.

Já a respeito do *grounding de olhar* podemos observar, até mesmo por seu relato, que sua capacidade de simbolização em contato com a realidade afetiva interna se tornou mais coerente e integrada. Sendo possível, inclusive, a partilha dessa construção de forma afetivamente coesa e organizada, o que antes se mostrava presente majoritariamente em assuntos acadêmicos-externos.

Ainda, ao final do tratamento de Carla, ela introduziu pela primeira vez questões sobre relacionamentos íntimos, mostrando uma abertura e disponibilidade que nunca antes havia aparecido nas sessões. Apesar de não chegarmos a trabalhar terapêuticamente com isso, a verbalização dessa temática mostrou mudança na relação e disponibilidade para confiança no outro.

Em termos do *grounding postural*, seus efeitos se mostraram presentes, apesar da não realização de nenhuma atividade postural durante a terapia. Carla aumentou seu nível energético, antes esvaziado e cheio de dispersões – vide sua fala: “eu estava jorrando e não sabia fluir”, para um estado de manutenção de um ego mais fortalecido, consciente de sua autonomia e limitação pessoal: “não estou esperando mais grandes feitos (...) sem esperar uma salvação que venha de fora (...) fui reencontrando um eu (...) no contato com si mesma.”.

Assim, podemos retomar o primeiro capítulo de desenvolvimento deste trabalho sobre a teoria de Reich (2003, p.63), que foi aplicada e observada em termos práticos: “depois da dissolução completa da couraça, as correntes orgonóticas são experienciadas como

prazer.(...) Ocorrem em paralelo mudanças fundamentais das sensações dos órgãos; e, com as sensações dos órgãos, muda rápida e radicalmente toda a visão de vida.” Dessa forma, é natural que seus estados de crises ansiosas tenham gradativamente perdido força e função em sua vida. Os sintomas cessaram a medida que Carla foi integrando os sentimentos e seu corpo ao ativo funcionamento de sua mente.

Resultado da Pesquisa e Considerações Finais

Como resultado ao objetivo proposto temos que as sessões de Litoterapia apresentaram efeitos similares, conhecidos e recorrentes ao tratamento da Análise Bioenergética. E por isso puderam ser compreendidos a partir da análise do caráter, da leitura corporal e energética feita pelo terapeuta-pesquisador; beneficiando o desenvolvimento do caso, sobretudo em relação a consciência do percurso e tarefa terapêutica.

Para a cliente, criou-se um espaço seguro para entrar em contato com suas percepções energéticas e emocionais na relação com seu corpo, que na partilha com o terapeuta encontrava ressonância da visão da Análise Bioenergética, auxiliando a compreensão de suas sensações físicas – como formigamentos, esquentar ou congelar, doer, vibrar, pulsar ou variações dos ritmos respiratórios; e também de suas emoções – como raiva, tristeza, angústia, solidão, alegria ou prazer.

Já para o terapeuta, a Análise Bioenergética reverberou sobretudo na escolha dos cristais mais adequados e da posição que eram colocados no corpo, colaborando com seu desenvolvimento energético-caracterológico e com a tarefa terapêutica, estabelecida também pela teoria loweniana – da observação da energia, mobilidade e características físicas em seu corpo, associada a queixa inicial e seus relatos de sensações e emoção no decorrer das sessões, mesmo que a investigação da história de vida da paciente não tenha ocorrido.

Quanto ao resultado da clínica litoterapêutica-bioenergética, observou-se que houve modificação significativa no fluxo energético-corporal-psíquico e desenvolvimento de seus conflitos correspondentes, apresentados de forma verbal pela cliente e silenciosamente pelo seu corpo-caráter. Em termos de grounding, temos um fortalecimento natural tanto do *interno*, do *postural*, do *de olhar*, bem como uma solução do *prematureo*, estabilizando seus conflitos mais regredidos e primitivos que foram apresentados inicialmente como crises ansiosas.

Constatou-se que as tensões das suas principais couraças musculares foram emergindo gradativamente durante o tratamento. E trabalhados pela cliente de forma ativa, em termos de contato com as sensações e emoções despertadas, colaborando com a aproximação inconsciente-consciente, durante a permanência no estado de observação do corpo e das atividades internas que eram mobilizadas – não pelas propostas já conhecidas da terapia bioenergética, mas pelo uso dos cristais como instrumentos de afetação do corpo psicoemocional.

Dessa forma, conclui-se que há grande relação e possibilidade de diálogo mútuo e efetivo entre as abordagens – da Litoterapia e da Análise Bioenergética; possibilitando para as psicologias corporais a reflexão da inclusão e da pesquisa de novos instrumentos terapêuticos, sobretudo os de origem natural – como os cristais, que se mostraram condizentes tanto na prática terapêutica do trabalho caracterológico, como na união entre a teoria reichiana e loweniana.

Verificou-se que a Análise Bioenergética Loweniana enfocou sua atenção no desenvolvimento psicoemocional a partir do uso de instrumentos mecânicos, que ampliassem os movimentos expressivos e sonoros em exercícios corporais, aumentando o fluxo vital no organismo. No entanto, esse trabalho mostrou que esses mesmos resultados também podem ser alcançados a partir da utilização dos cristais juntamente com a análise do caráter, como o fizemos nessa pesquisa, afetando o corpo de forma integral e organizada através de sua autorregulação espontânea.

E assim, também vimos uma reaproximação da pesquisa de Reich com Lowen. Ao retomarmos os trabalhos de Reich sobre a energia *orgone* – descrita em sua obra de forma mais ampla, e um pouco mais descentralizada do corpo humano do que em Lowen; obtivemos que a interação entre matéria orgânica e inorgânica pode interferir positivamente no fluxo de energia do corpo. Isto foi experimentado nesta pesquisa a partir da relação e do contato do organismo com minerais cristalizados – os cristais - que parecem se afetar mutuamente por ressonância e retroalimentação. Inclusive, por existirem estruturas cristalinas dentro do corpo humano, em glândulas, tecidos e ossos.

Pergunto-me, portanto, depois de observar os resultado deste trabalho, se poderíamos pensar em termos de *grounding da natureza* promovido pelos cristais, como conceito e mais uma forma de promover expansão do fluxo de energia cabeça-pé e periferia-centro de forma integrada, em conexão espiritual com o mundo – num sentido holístico, verdadeiramente do *todo*; diminuindo a distância ilusória do corpo humano com a natureza externa à sua pele e aproximando-o de algo que lhe é tão caro e intrínseco. No mínimo, fundamental para a presença e vitalidade de um corpo saudável no mundo natural.

Referências Bibliográficas

- Albertini, P. **Na Psicanálise de Wilhelm Reich**. São Paulo: Zagadoni, 2016.
- Lameiras, F. S.; Leal, J. M; Melo. V. A. R. de. **O Uso Industrial do Pó de Turmalina Preta**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2005.
- Lowen, A. **A Espiritualidade do Corpo**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- Lowen, A. **Bioenergética**. 12. Ed. São Paulo: Summus, 2017.
- Lowen, A. **Exercícios de Bioenergética**. 8. Ed. São Paulo: Ágora, 1985.
- Lowen A. **Prazer, uma abordagem criativa da vida**. 7. Ed. São Paulo: Summus, 1984.
- Lisanty, A. **Litoterapia – Terapia com Cristais**. Apostila de Curso. 2008.
- Moreira, V. P. L. **As Práticas do Toque Terapêutico à Luz da Psicologia Corporal: uma Análise de Reich sobre o Reiki**. Universidade Estadual Paulista. 2018.
- Museu Heinz Ebert. **Introdução a Simetria Interna dos Cristais**. 2020. Disponível em: <<https://museuhe.com.br/minerais/cristais-e-cristalografia/>>
- Oliveira, S. F. de. **Estudo da estrutura da glândula pineal humana empregando método de microscopia de luz, microscopia eletrônica de varredura, microscopia de varredura por espectrometria de raio-x e difração de raio-x**. 1998. Dissertação. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Oschman, J. L. **Energy Medicine: the scientific basis**. New York: Churchill Livingstone, 2000.
- Reich, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Reich, W. **A Função do Orgasmo**. 9. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1975
- Reich, W. **O Éter, Deus e o Diabo seguido de A Superposição Cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Ribeiro, A. A. **Biomateriais: estudo da deposição de hidroxiapatita por via polimétrica sobre superfícies de Ti cp modificado por feixe de laser**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. 2007.
- Volpi, J. H.; Volpi, S. M. **Reich: a análise bioenergética**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003
- Weigand, O. **Grounding e Autonomia: a terapia corporal bioenergética revisitada**. São Paulo: Editora e Produções Person, 2006.